

A VIA PARA O SOCIALISMO LATINO-AMERICANO: O EMBATE ENTRE HAYA DE LA TORRE VERSUS MARIÁTEGUI E MELLA NA SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE 1920

LEONARDO GUEDES HENN*

Resumo

O artigo apresenta um panorama do debate ocorrido na década de 1920, entre Mariátegui e Mella, revolucionários latino-americanos ligados à Internacional Comunista, e Haya de la Torre, líder de uma agremiação nacional-reformista, o APRA, com expressiva influência no México e no Peru. Os dois primeiros preconizavam a revolução socialista de caráter proletário e comunista para o continente, enquanto esse último defendia um socialismo específico para a América Latina, sem revoluções e com característica conciliatória de classes.

Palavras-chave: Internacional Comunista, Aliança Popular Revolucionária Americana, América Latina.

Abstract

The article presents a vision of the debate occurred in the decade of 1920, between Mariátegui and Mella, Latin American revolutionaries on to the Communist International, and Haya de la Tower, leader of a club national-reformist, the APRA, with important influence in Mexico and Peru. The two first ones praised the socialist revolution of proletarian and communist character for the continent, while this last one defended a specific socialism for Latin America, without revolutions and with conciliatory characteristic of classrooms.

Keywords: Communist International, Aliança Popular Revolucionária Americana, Latin America.

Em 1919 foi criada a Internacional Comunista (IC), organização que congregava os partidos e agremiações partidários da Revolução Soviética, iniciada em 1917 na Rússia. A IC tinha um caráter de órgão organizativo e fórum de discussões do caminho para a revolução comunista mundial, que estava no horizonte de parte expressiva das organizações revolucionárias mundiais, principalmente a partir de 1922 quando os comunistas russos conseguiram derrotar o movimento contra-revolucionário interno e barrar as tropas de nações estrangeiras nas suas fronteiras. Logicamente que, mesmo tendo um caráter internacional, havia uma importância destacada dos soviéticos russos em seus quadros e nas diretrizes elaboradas, afinal tratava-se da única revolução socialista ainda vigente no globo até então.

Ao longo da sua trajetória, a IC passou por diversos períodos de orientações e diretrizes táticas para a chegada da revolução socialista, conforme se alterava a correlação da URSS em relação aos principais países capitalistas. Em alguns momentos, não se admitia a aliança com nenhuma classe social que não fosse o proletariado e o campesinato. Em outros, aceitavam-se se-

* Formado em História, licenciatura plena pela UFSM. Mestrado em História da América Latina, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Doutorado em História da América Latina pela UNISINOS

tores da burguesia com histórico de combates intransigentes aos comunistas¹.

Durante os anos vinte, a IC passou por um processo de consolidação e ampliação de numérica de seus quadros e de seu aparato burocrático. Nesse contexto, houve um aumento na quantidade secretariados especializados e regionalizados. Especificamente para a América Sul em meados da década foi criado um secretariado especial, com sede na própria região. Ao analisar-se a trajetória histórica desse organismo, percebe-se que ele, além de divulgar as diretrizes da IC e coordenar as atuações das organizações comunistas locais, freqüentemente travou debates com os representantes de outras tendências políticas que eram com-

petidoras no que diz respeito à influência nos movimentos operários locais, como socialistas-reformistas, anarquistas e nacionais.

Embora existam discrepâncias de datas na historiografia sobre o ano de criação do Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista (SSA), informações sugerem que tenha sido fundado em 1925, como reportou o Executivo Ampliado da IC (ECCI), em relatório contendo as atividades de 1925 e início de 1926 e citado pelo historiador venezuelano, Manuel CABALLERO (2002, p. 28). A confusão advém do fato de inexistir qualquer outro tipo de documentação produzida pelo recém-criado órgão em seu provável primeiro ano de existência. Por isso, freqüentemente considera-se que tenha sido fundado no ano de 1926, quando o organismo comprovadamente passou a ter vida efetiva, editando o seu impresso oficial, a revista *La Correspondencia Sudamericana*, que na maior de sua vigência teve uma freqüência quinzenal. *La Correspondencia Sudamericana* surgiu sob a justificativa de propiciar o embasamento teórico da revolução aos partidos comunistas da América do Sul². Com uma interrupção entre setembro de 1927 e agosto de 1928 a revista perdurou até 1930, quando o próprio SSA foi transformado no Birô Sul-Americano da IC.

Nas páginas de *La Correspondencia Sudamericana* era recorrente o combate a uma das tendências anteriormente mencionadas. Tratava-se da Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), liderado por Haya de la Torre. Embora esse fosse peruano, a influência da APRA estendia-se a outras regiões da América Latina, especialmente ao México. O ponto central das divergências estava situado em torno de uma das declarações clássicas *apristas*, criticando os movimentos revolucionários latino-

¹ "Resumo com as principais orientações táticas da IC para os países coloniais e semicoloniais e de como ela via o estado da revolução mundial nos dados contextos:

I Congresso – 1919: Revolução mundial vista como em período offensivo. Revolução nas colônias como consequência da revolução nas metrópoles.

II Congresso – 1920: Revolução mundial vista como em período offensivo. Deslocamento das preocupações para a Ásia, a fim de contrabalançar as desilusões com a revolução no Ocidente. Revolução nas colônias e semicolônias de caráter democrático-burguês, mas apoioando-se somente os movimentos nacional-revolucionários.

III Congresso – 1921: Em virtude de se considerar a revolução mundial como em desaceleração, adotou-se o movimento tático da formação das *frentes únicas*, interpretadas como aliança com as demais correntes de esquerda: anarquistas, socialistas e social-democratas. Voltou-se a dar primazia à revolução européia. Revolução nas colônias e semicolônias de caráter democrático-burguês, mas apoioando-se somente os movimentos nacional-revolucionários.

IV Congresso – 1922: Tática das *frentes únicas*. Preocupação com a revolução no Oriente. Revolução nas colônias e semicolônias de caráter democrático-burguês, mas apoioando-se somente os movimentos nacional-revolucionários.

V Congresso – 1924: Tática das *frentes únicas*, mas objetivando *desmascarar*, durante a formação das alianças, a social-democracia, no contexto europeu, e as burguesias nacionais, nos países de capitalismo ainda não desenvolvido. De 1925 a 1927, nos países coloniais e semicoloniais, propunha-se o *bloco das quatro classes* (proletariado, campesinato, intelectualidade pequeno-burguesa e democratas urbanos).

VI Congresso – 1928: Tática das *frentes únicas*, concebidas apenas com as bases trabalhadoras. Revolução mundial vista como em novo período offensivo. Tática da *classe contra classe*. Propunha-se a formação de *sovietes* nos países coloniais e semicoloniais, com a tarefa de conduzir a revolução em todas as suas etapas, desde as transformações democrático-burguesas até a implementação do socialismo.

VII Congresso – 1935: Amplas *frentes populares* com todos os segmentos e classes sociais que combatesssem o fascismo. Retração revolucionária. Revoluções somente de caráter antifascista.

A Guerra – 1942-1945: Aliança com os países capitalistas combatentes do Eixo. Retração revolucionária. Revoluções somente de caráter antifascista." (HENN, p. 122)

² Como abertura da primeira edição, utilizou-se uma epígrafe de Lênin, com sua famosa frase na qual ele defendia a necessidade da teoria revolucionária. Era ela: "Sin teoría revolucionaria no hay movimiento revolucionario. Solo si esta dirigido por una teoría de vanguardia es el que el partido puede jugar un papel de vanguardia." (*La Correspondencia Sudamericana*, nº 1, 15 de abril de 1926, p. 1)

americanos que calcavam suas idéias no contexto europeu. Assumia-se a mensagem como sendo endereçada aos comunistas, tendo em vista a avaliação feita pelo SSA de que as demais tendências do movimento, ou não eram revolucionárias, ou não tinham nenhuma ligação com o exterior. Entre os argumentos utilizados pela revista para rebater o texto de Haya de la Torre, destacavam-se o fato de ele desconsiderar a luta entre os imperialismos como um processo mundial; o caráter *intelectualista, localista* e nacionalista de suas concepções. Defendia-se, em contrapartida, que o movimento revolucionário possuía particularidades diversas nos distintos países, mas tendo em todos eles certas similitudes, derivadas de seus objetivos comuns. No contexto da época não haveria como descolar o movimento de libertação dos povos oprimidos do movimento da revolução proletária mundial, como havia ensinado Lênin. Outro ponto criticado nas idéias do APRA dizia respeito ao seu procedimento de, por um lado, considerar-se como sendo uma *frente única* e, por outro, sustentar-se como um partido. Para o SSA tratava-se de uma contradição, pois a primeira deveria ser, por princípio, um bloco de variadas correntes políticas³, enquanto o segundo necessitaria ter uma base social precisa, bem como ideologias e concepções homogêneas (*La Correspondencia Sudamericana., Contra el Partido Comunista?*, pp. 1-5).

Situava-se na confusa diferenciação entre partido e bloco de aliança a maior oposição do SSA ao APRA. Historicamente, nas concepções da Internacional Comunista⁴ (IC), um dos maiores pecados que um par-

tido comunista poderia cometer estava situado no não-discernimento entre a *frente única* e o partido. Um dos pontos indicados pela organização como pré-requisito para a formação das *frentes únicas* era a exigência de liberdade de ação para que os comunistas pudessem divulgar e propagandear suas idéias no seu interior, chegando, até mesmo, a poder criticar seus aliados. Com a *frente* tendo o caráter de um partido, como o APRA se propunha, tal procedimento, certamente, não seria oportunizado. Ou seja, o trabalho do partido comunista estaria subsumido e ofuscado.

Para as organizações ligadas à Internacional Comunista (IC) era impossível admitir agremiações revolucionárias fora dos padrões propostos por Lênin para um *partido revolucionário de vanguarda*. Em relação ao APRA, o SSA não o considerava um partido, mas sim uma tentativa de constituição de uma *frente única* que excluía o partido comunista, esvaziando assim as empreitadas neste sentido feitas pelos comunistas. Decorria de tal situação a prioridade dada ao combate desta organização.

Eminentes comunistas latino-americanos ligados à IC polemizaram com Haya de la Torre. Tal foi o caso do intelectual peruano José Carlos Mariátegui e do líder comunista cubano Julio Antonio Mella. Deve-se destacar que os dois não concordavam integralmente com a tática proposta pela IC para a América Latina até 1928, consubstanciada em alianças inspiradas no bloco das quatro classes chinês⁵, pois não eram favoráveis à inclusão das burguesias nacionais em tais coalizões. No ano citado, com o fracasso na China, a IC adotou um novo modelo tático, denominado de *classe contra classe*, abandonando até 1935 quaisquer tipos de alianças mais amplas.

Mariátegui e Mella criticavam fundamentalmente a visão reformista que Haya

³ As *frentes únicas* preconizadas pela IC deveriam ser formadas por todas as tendências do movimento operário.

⁴ Também denominada de III Internacional ou Comintern, existiu de 1919 a 1943. Ao ser fundada a III Internacional, dois anos após o término do conflito mundial, uma das principais preocupações iniciais de seus dirigentes esteve concentrada nas veementes críticas à II Internacional (ver nota 8) e na demarcação explícita entre as linhas teórico-políticas das duas instituições. A Terceira surgia também diferenciando-se fundamentalmente em termos políticos da anterior, defendendo que, para a revolução socialista espalhar-se mundialmente, seriam necessárias não somente condições objetivas como também condições subjetivas, as quais dependiam diretamente da atuação dos partidos revolucionários.

⁵ Este bloco englobava as seguintes classes sociais: o proletariado, o campesinato, a intelectualidade pequena-burguesia e os democratas urbanos. O caráter um tanto quanto vago desse último grupo, democratas urbanos, pode suscitar confusões. Talvez o mais correto seja traduzi-lo como setores progressistas da burguesia nacional.

de la Torre, auto-assumido como influenciado pelas idéias de Marx, tinha da transição ao socialismo, desprezando a possibilidade da influência subjetiva neste processo. Para este, por sua vez, em virtude do atraso econômico da América Latina, dever-se-ia contar com um longo período de trabalho parlamentar e de união com outras classes sociais. Defendia a necessidade de uma etapa democrático-burguesa, avaliando-a como de duração muito maior do que esperavam os comunistas. Por isso, concebia a formação das *frentes únicas* não somente como um expediente tático momentâneo, mas como condutores de todo o processo de implementação do socialismo, objetivo que seria alcançado em um longo prazo⁶.

Especificamente Mella condenava na concepção do APRA a aliança com movimentos nacionalistas burgueses que não fossem revolucionários, com o agravante de subsumir a classe operária às classes sociais dominantes no interior destes movimentos. O cubano valorizava anteriormente a orientação *Lêniniana* da atenção a ser dada para manter a independência de classe nestas frentes. Mesmo que, por vezes, defendesse o apoio a movimentos nacionais realmente emancipatórios, casos do México, Cuba e Chile, há uma nítida má-vontade de parte dele com a própria implementação de tais alianças, como se vê no seguinte trecho: “Em sua luta contra o imperialismo – o ladrão estrangeiro – as burguesias – os ladrões nacionais – unem-se ao proletariado, boa bucha de canhão. Mas acabam compreendendo que é melhor se aliarem ao imperialismo, que no fim das contas tem o mesmo interesse.” (MELLA. O proletariado e a libertação nacional. In LÖWY, p. 100)

As críticas de Mariátegui a Haya de la Torre seguiam argumentação similar às utilizadas por Mella. Mariátegui considerava o marxismo do APRA como uma forma evolucionista que levava a classe operária dos países de precário desenvolvimento capitalista a mera espera passiva de reformulações graduais no sistema social, de modo a que, passo a passo, atravessassem as mesmas transformações transcorridas nos países capitalistas adiantados. Em oposição a esta idéia, o intelectual peruano via nas formulações da IC, especialmente nos debates do seu IV Congresso, uma possibilidade para que os *países atrasados* não necessitassem percorrer as mesmas etapas europeias do desenvolvimento rumo à implementação do socialismo. A tal alternativa, admitida pela IC, acrescentava ainda que a situação peruana era extremamente propícia para um caminho diferente, ou abreviado, da transformação socialista, pois no país existiriam resquícios de um *comunismo agrário primitivo incaico*, o qual permeava um *espírito coletivista*. Essa mentalidade coletivista colaborava positivamente a favor do socialismo, sendo oposta à mentalidade do campesinato dos países europeus, e mesmo da Rússia, onde os camponeses tendiam a reivindicar a divisão da terra, o que denotava um anseio individualista e que contribuiria para que se espraiasse relações capitalistas no campo. Ressaltava ele, entretanto, que o contexto favorável deveria ser aproveitado através da hegemonia da classe operária sobre os movimentos reivindicatórios indígenas. Ou seja, não via possibilidade de libertação da espécie de exploração que incidia sobre os indígenas que não fosse através da luta de classes⁷.

⁶ Haya de la Torre defendia a idéia de que: “[...] antes de la revolución socialista que llevaría al poder al proletariado –clases en formación en Indoamérica – nuestros pueblos deben pasar por períodos previos a esta transformación económica y política y quizás por una revolución social no socialista que realice la emancipación nacional contra el yugo imperialista y la unificación económica y política indoamericana. La revolución proletaria socialista vendrá después, pero eso ocurrirá mucho más tarde.” (*Adónde va Indoamérica?* apud GODIO, 1987, p. 120)

⁷ Afirmava ele, em texto produzido para a Primeira Conferência Comunista Latino-Americana, em 1929: “O IV Congresso da IC ressaltou mais uma vez a possibilidade, para povos de economia rudimentar, de iniciar diretamente uma organização econômica coletiva, sem sofrer a longa evolução pela qual outros povos passaram. Acreditamos que, entre as povoações ‘atrasadas’, nenhuma como a população indígena incásica (sic) reúne condições tão favoráveis para que o comunismo agrário primitivo, subsistente em estruturas concretas e em um profundo espírito coletivista, se transforme, sob a hegemonia da classe proletária, em uma das bases mais sólidas da sociedade coletivista pregada pelo comunismo marxista. [...]”

O principal ponto de divergência entre Mariátegui e Haya de la Torre estava centrado na caracterização do caráter da revolução latino-americana. Para este último, haveria de existir um longo período de transformações reformistas, do tipo democrático-burguesas, processo de ritmo distinto da revolução nos países capitalistas adiantados. Enquanto para o primeiro a revolução na área deveria ser socialista, caracterização que estaria acima de qualquer espécie de adjetivação que a ela pudesse ser dada, tais como antiimperialista, agrária, nacionalista revolucionária. Afirmava que a preocupação com a individualidade latino-americana não impedia a sua análise segundo a doutrina socialista, lembrando ainda que desde a independência a história da região seguia o ritmo da história ocidental. A respeito das personalidades que estiveram à frente desta história, exclamava: “A história, porém, não mede a grandeza desses homens pela originalidade de suas idéias, mas pela eficácia e gênio com que as serviram.” (*A revolução socialista latino-americana.*, In *Ibid.*, p. 113) Reforçava a sua argumentação com a tese sobre as vantagens de se dispor do *comunismo primitivo incaico* como ponto de partida.

Segundo interpretação corrente na historiografia, Mariátegui, embora posteriormente se constituísse em uma espécie de ícone do comunismo latino-americano, durante sua vida não teria contado com a simpatia dos dirigentes da IC para com suas idéias, pouco ortodoxas, concernentes à valorização dos vestígios da estrutura do que seria o *comunismo primitivo incaico*⁸. Tal

Só o movimento revolucionário classista das massas indígenas exploradas poderá lhes permitir dar um sentido real à libertação de sua raça da exploração, favorecendo as possibilidades de sua autodeterminação política.” (*O problema indígena na América Latina*. In *Ibid.*, p. 110)

⁸ Löwy, por exemplo, afirma que: “Mariátegui foi acusado de eurocentrismo por seus adversários apristas e, por outro lado, de ‘populismo nacional’ por certos autores soviéticos.” (*Introdução In Ibid.*, p. 18) José Aricó, por sua vez, ao analisar as idéias de Mariátegui para o Peru, informa que ele: “[...] se enfrenta al Buró Sudamericano de la Internacional Comunista respecto a la naturaleza y la estructura de esta formación política [...]” (*Los pasos de Mariátegui*. In REVISTA NEXUS). Quando Aricó cita o Birô quer dizer SSA, pois Mariátegui foi contemporâneo apenas deste organismo.

tese se embasa no fato de que na Primeira Conferência Comunista Latino-Americana, de 1929, na qual ele não pôde estar presente por motivo de saúde, as suas declarações, feitas sob forma de documentos escritos pelo Partido Comunista do Peru, não encontraram repercussão expressiva durante o evento. Somente após a sua morte, em 1930, paulatinamente, os seus textos passariam a ser reconhecidos.

Em relação à argumentação exposta acima, há que se fazer algumas considerações. Primeiramente, reconhecer que realmente as teses de Mariátegui não foram significativamente debatidas durante o evento, embora elas não tivessem sofrido uma rejeição direta. Em segundo lugar, considerar que durante o seu breve período de relações com a IC dificilmente pode se encontrar ocasiões de confrontos, ou mesmo de desautorizações de seus trabalhos por parte desta, muito embora ele também não tenha obtido o reconhecimento que os dirigentes comunistas argentinos atingiram perante ela. E, ainda, deve-se levar em consideração que a mencionada Conferência foi um dos últimos momentos em que personalidades ligadas às idéias de Bukharin tiveram influência no seio da organização. A condução do evento esteve a cargo do Chefe do Secretariado Latino da IC, Jules Humbert-Drôz, um *bukharinista* histórico. Para Bukharin, a revolução nos países atrasados tinha o caráter democrático-burguês, devido ao escasso desenvolvimento capitalista. Por um lado ressaltava a importância dos movimentos revolucionários dos países coloniais e semicoloniais para a sustentação do socialismo na URSS, em virtude do apoio político e econômico que poderiam proporcionar em caso de emancipação nacional. No entanto internamente via como primeiro objetivo a ser conquistado a modernização capitalista do campo, derrubando-se as relações servis ainda existentes, idéia avessa à valorização do *coletivismo incaico*.

Humbert-Drôz, durante a Conferência, mostrou-se contrário à valorização das burguesias nacionais na condução desta etapa democrático-burguesa da revolução. Para

ele, o proletariado deveria lutar para tomar a liderança dos movimentos nacional-revolucionários, desprezando aqueles que tivessem um caráter apenas reformista. Mesmo assim não considerava a revolução na América Latina como sendo imediatamente uma revolução socialista, mas sim como uma etapa deste processo. Nota-se então que tal concepção estava em choque, pelo menos neste ponto, com a análise de Mariátegui.

De certo modo, não fosse pela desvalorização efetuada por Humbert-Dróz das burguesias nacionais no processo revolucionário latino-americano, pode-se afirmar que a linha política do APRA era a que mais se aproximava das análises *bukharinianas* para os *países atrasados*. Caso se considerar que a radicalização nas declarações de Humbert-Dróz, restringindo as alianças de classe, possam ter sido uma concessão aos setores mais à esquerda da IC, que na época já encurravam, quase definitivamente, o grupo de Bukharin, as argumentações de Haya de la Torre ficam ainda mais próximas às do dirigente bolchevique. No entanto há que se destacar que esta similitude valia somente para a análise do contexto latino-americano, pois o líder do APRA não tinha, de forma alguma, o comprometimento com o estudo do processo revolucionário mundial e suas inter-relações nem defendia, como o comunista russo, a hegemonia do proletariado na evolução para o socialismo. Ironicamente, os dois posicionamentos partiam de campos opostos. Bukharin, em nome da ortodoxia marxista, não via possibilidades que fosse implementado, sem etapas prévias, o socialismo em países de capitalismo incipiente. Na própria URSS ele defendia um longo período de reformas burguesas, enquanto que Haya de La Torre, em nome da heterodoxia, ou da especificidade latino-americana, defendia a necessidade de um socialismo totalmente adaptado à América Latina, cuja implementação passava ao largo da solução revolucionária, aproximando-se da conciliação de classes.

As influências que Haya de la Torre possuía do marxismo estavam situadas na

valorização da necessidade de uma anterior modernização capitalista para que o futuro socialista ocorresse. Na verdade, o peruano utilizava a análise marxista apenas na medida em que lhe convinha, ou seja, para defender a hegemonia das burguesias nacionais latino-americanas. A partir daí defendia a tese de que a sociedade naturalmente chegaria até o socialismo, ponto de vista que não era original, pois já havia sido defendido por teóricos da II Internacional⁹.

Os debates entre Mella, Mariátegui e Haya de la Torre cessaram ao final da década de 1920 como decorrência das mortes prematuras daqueles que foram, muito provavelmente, os dois maiores pensadores comunistas ligados à IC na América Latina. Mella foi abatido, com vinte e cinco anos, pela repressão do ditador Machado de Cuba, quando estava no exílio no México, em 1929. Mariátegui faleceu aos trinta e cinco anos, em 1930, fruto de enfermidade que o acompanhava há muito tempo. Muito provavelmente ele foi o pensador que mais originalmente aliou o rigor da análise marxista às especificidades da América Latina. Haya de la Torre continuou como líder do APRA e, em 1935, negou a aliar-se aos comunistas peruanos, quando a IC passou a defender a formação de amplas alianças antifascistas, as denominadas *frentes populares*, as quais ampliavam o rol de tendências admitidas nas anteriores *frentes únicas*, englobando também setores da pequena-burguesia e da burguesia que combatesssem o fascismo.

Referências bibliográficas

- ARICÓ, José. *Los pasos de Mariátegui*. In REVISTA NEXOS. México, junho de 1986.
CABALLERO, Manuel. *Latin American and the Comintern, 1919-1943*. 2 ed. Cambridge: Cambridge Latin American Studies, Nº 60, 2002.

⁹ Organização de trabalhadores socialistas fundada em 1889 e que durante a sua existência foi deixando de lado as idéias revolucionária de lado e enveredando pelo reformismo. Seus líderes apoiaram o esforço de guerra de seus países em 1914, ano de seu último congresso. Ela nunca foi oficialmente extinta.

GODIO, Julio. *Historia del movimiento obrero latinoamericano/2, Nacionalismo y comunismo – 1918-1930.* 2 ed. Caracas: Nueva Sociedad, 1987.

HENN, Leonardo Guedes. *As concepções de revolução produzidas pela Internacional Comunista e por seus organismos da América do Sul para as colônias e semicolônias, especialmente para a América Latina (1919-1943).* São Leopoldo, RS. Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos –UNISINOS, 2005, 294 p.

La Correspondencia Sudamericana, Microfilme 117, 15 de abril de 1926 a junho de 1930. AEL/UNICAMP.

LENIN, V. I. *Obras escogidas.* Moscou: Progreso, s/d.

LÖWY, Michael (org.). *O marxismo na América Latina.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.